

CULTURA E LEITURA, UMA PERSPECTIVA DE AVENTURA

*Antonio Hohlfeldt **

O tema que me propôs a UNISC é extremamente amplo e genérico, desafiando o palestrante pela quantidade de dúvidas que suscita, mas, ao mesmo tempo, é suficientemente provocativo, porque permite uma amplitude de horizontes para a sua abordagem. Iniciando com esta dupla observação, creio poder dizer, portanto, que, ao aceitar o desafio, aceitei também os riscos, ao mesmo tempo em que proponho aos companheiros aqui presentes o passeio nem tanto por este bosque, diria Umberto Eco, mas, sobretudo, por esta intrincada floresta. Vamos, de fato, recuar muito, tanto no tempo quanto no espaço. Vamos recuar às sociedades primitivas, para as quais o mito era a maneira literalmente única de abordagem e de conhecimento da realidade.

Nessas sociedades, o aspecto religioso de crença, com que se caracteriza o mito, expressava a perspectiva da explicação mágica do mundo. O ser humano não conseguia, então, abranger toda a realidade da maneira racional com que hoje, ao menos em parte, podemos discutir as coisas que nos rodeiam. Assim, atribuíam-se a um conjunto de entidades superiores, inexplicáveis à razão, os acontecimentos advindos, sobretudo quando eles quebravam a rotina e não atendiam às expectativas mais comuns. Havia, pois, como que uma espécie de permanente perigo a nos rondar. O ser feliz era uma exceção pela qual deveríamos sempre ser gratos aos deuses, porque o corriqueiro, o comum, o lógico, a condição de seres humanos implicava, necessariamente, a dor e a infelicidade. Éramos, então, literalmente, reféns dessas criaturas inesperadas e ilógicas, os deuses, que tinham lá as suas razões às quais jamais tínhamos acesso.

De qualquer maneira, esse conjunto de relatos que buscavam construir um discurso mais ou menos lógico sobre a Terra e seus eventos, sobre a própria

* Jornalista, crítico literário e ficcionista, autor de diversos textos para crianças e jovens.

humanidade, permitia a constituição de certa homogeneidade, de certa unidade e, conseqüentemente, de certa identidade. A sociedade primitiva constituía uma comunidade de valores plenamente reconhecíveis e respeitados que levava seus integrantes a identificar, com clareza, quem integrava ou não aquele conjunto social.

Entre os judeus, por exemplo, havia as tábuas da lei. Entre os gregos, a fixação na forma escrita, de tais preceitos e ordenações, de tais tradições e valores, configurava-se em obras como a **Ilíada** e a **Odisséia**, tradicionalmente atribuídas a Homero, ou na **Teogonia** de Hesíodo. O primeiro grande historiador do Ocidente, Heródoto, quando não conseguiu alcançar, pela razão, as origens de determinado acontecimento, não titubeou em lançar mão da tradição mítica em sua **História**. O que importava é que, por estes códices, os indivíduos se reconheciam como parte de um conjunto e, por exclusão, sabiam quem lhes era ou não semelhante.

A passagem das sociedades ágrafas para as sociedades que dispunham desse verdadeiro milagre que era a escrita, permitiu que à memória e à transmissão oral dos relatos públicos ou privados se sucedesse a fixação daquelas tradições. A escrita conduzia a memória a uma espécie de transcendentalização temporal e espacial, capaz de ultrapassar ao próprio autor do relato, dispensando-o, literalmente, após sua tarefa. Tanto isso é verdade que, até hoje, não sabemos ao certo quem terá sido o tal Homero, se é que ele, de fato, existiu, ou tal designação não sintetiza a gigantesca ocupação de diferentes gerações, através de décadas ou de séculos, que coligiram, ordenaram e fixaram as tradições orais míticas dos diferentes povos gregos.

Marshall McLuhan, no seu magnífico **A Galáxia de Gutenberg**, chama a atenção para o fato de que a invenção e a difusão da escrita influíram não apenas na configuração mental da humanidade mas também na evolução biológica do ser humano. Por certo que, para poderem “escrever”, as pessoas tiveram de adaptar seus membros superiores até chegarem ao nível de poder segurar e manobrar, com destreza, um lápis ou uma esferográfica. Da mesma forma, o modo de pensar, desde seu ritmo - adaptado ao ritmo do próprio escrever - até a perspectiva e consciência, que gerava responsabilidade quanto ao fato de que aquilo que se ia escrever seria lido não apenas pelos contemporâneos, de maneira imediata, como também poderia atravessar os séculos, terminou por modificar completamente a tarefa, de início simples, ao menos na aparência, de se ocupar de tais registros.

Por certo não terá demorado tanto para que os seres humanos resolvessem fixar, na escritura, não apenas as coisas de fato ocorridas, externamente, em relação a si mesmos, como também aqueles sentimentos, sonhos, desejos,

utopias, emoções que aconteciam interiormente, sobretudo quando, à leitura que se seguia, descobria-se que algo aparentemente acontecido apenas com um de nós, o autor “daquele” texto, na verdade, servia de identificação também ao outro, o “leitor”. Não tem sido diferente, conclui McLuhan, em relação à atual era tecnocrônica em que vivemos, com a integração radical de todos os instrumentos que a informática e a telemática nos permitem. Devemos aqui lembrar, de passagem, que, por certo, terá sido maior o choque sofrido pelos europeus do século XVI, com a descoberta do Novo Mundo, do que aquele que tivemos quando da chegada do primeiro homem à Lua ou, quem sabe, daqui a pouco, quando descobrirmos que alguns dos planetas sobre os quais exercemos atualmente pesquisas exploratórias, é habitado por seres tão ou mais capazes, racionalmente falando, do que nós.

É sob tal perspectiva que o romancista Ítalo Calvino escreveu o belo ensaio denominado **Por que ler os Clássicos**, infelizmente editado apenas após sua morte. Nesse texto, Calvino lista um conjunto de quatorze motivos ou razões pelas quais uma obra pode ser considerada clássica. E, embora seu trabalho se refira exclusivamente à Literatura, que é o tema que, aqui, nos interessa, pode-se reconhecer que tais princípios poderiam ser aplicados ao Cinema, às Artes Plásticas, à Música, enfim, a toda e qualquer Arte.

Acompanhemos, contudo, o passeio de Calvino.

Começa ele dizendo que, em geral, estamos sempre a **reler** e não apenas a **ler** um clássico, indicando, desde logo, o caráter de processo, de continuidade que o texto clássico implica. Há uma evidente relação integradora entre Passado/ Presente num texto dito clássico, que nos leva a ler, como se fosse hoje, aquilo que foi escrito/pensado há muito tempo. Mais que isso: há um processo evidente de acumulação, isto é, jamais lemos um texto apenas na perspectiva única de sua intenção original, mas naquela e através de todas as demais leituras que lhe sucederam e que vão como que o iluminando crescentemente, gerando diálogo e crítica em relação às idéias originalmente expostas.

Essa perspectiva cumulativa abre a possibilidade da influência permanente, a revisão, a reavaliação - seguida da redescoberta e da releitura - de um determinado texto, emprestando ao processo cultural um caráter extremamente dinâmico de integração. Estamos sempre a descobrir o **novo** no **antigo**, reconhecendo, assim, no clássico, a **sabedoria** e a **vigência** que o novo nem sempre possui, ao menos, enquanto tal, ainda que possa, no futuro, ser reconhecido como tal (o que tem acontecido, tantas vezes, em relação às chamadas vanguardas que, adiantando-se tanto a seu próprio tempo, não conseguem estabelecer o diálogo imediato com seus contemporâneos).

O mais fascinante de todos os aspectos que marcam o clássico, contudo, reconhecido por Calvino, parece-me ser o fato de que consegue estabelecer uma dupla perspectiva de propriedade: o texto clássico é, simultaneamente, meu e dos outros. Mas meu, sem deixar de ser dos outros. Por ser dos outros, é ainda mais importante que seja "também" meu. E consegue ser meu, como teu, como seu, sem deixar, jamais, de ser de cada um em particular e, simultaneamente, de todos. Nesse sentido, o texto clássico estabelece um diálogo exclusivo e único com cada leitor, ao mesmo tempo em que continua a dialogar com o conjunto de todos os leitores, de todos os tempos, inclusive, do futuro. A consciência desse fenômeno como que nos enche ainda mais de uma espécie de orgulho, porque nos dá o sentimento de partícipes de algo maior que nós mesmos, mas que, por este "mistério" da cultura, dominamos e como que aprisionamos. Podemos experimentar, sobretudo, o sentimento de integração, de identidade, sentimento que, por certo, terá sido profundamente importante para a formação do helenismo, gerando, com clareza, provavelmente pela primeira vez no Ocidente, o conceito de **civilizado** e de **bárbaro**.

O último aspecto que queria destacar é aquele a que, genericamente, Roland Barthes chama de **prazer**. Nós nos reconhecemos, identificamo-nos e definimo-nos no texto clássico, e isso nos proporciona um prazer fantástico. Quando reouvimos uma frase, reencontramos uma personagem, descobrimos a citação mais ou menos indireta de uma determinada passagem - quero aludir, aqui, sobretudo, à perspectiva do dialogismo de Mikhail Bakhtin - sentimos um prazer que chega ao erotismo, no sentido da vitalidade que ele atesta em nós. Sentimo-nos vivos. E isso porque ele suscita no leitor um sentimento advindo diretamente do reconhecimento da referencialidade, do **modelo** em que ele se constitui. E, por certo, sabemos todos, necessitamos de modelos para sobreviver, eis que os modelos nos dão os necessários parâmetros pelos quais sabemos se estamos nos conduzindo ou não corretamente e, em conseqüência, se estamos agindo de acordo com aquilo que de nós é esperado, sem correremos o risco de sermos execrados ou expulsos de nossa comunidade.

A esse processo que estamos descrevendo, pode-se dar o nome de **decultura**. Assim, podemos pensar a cultura sob dois aspectos:

a) enquanto transformação da natureza, constituindo nossa intervenção sobre a realidade, inclusive através daquilo a que habitualmente denominamos de imaginário;

b) no sentido do termo alemão **Kultur**, isto é, civilização, conjunto de valores universais e humanos, que constituem o grau de desenvolvimento de uma

determinada sociedade.

É evidente que o processo cultural, por ser altamente integrador, gerou forte temor entre os integrantes do Poder, sobretudo se esse poder for constituído à revelia de sua fonte mais legítima, que é a comunidade. Lembremos, por exemplo, que Platão, em seu **A República**, quando estabelece a utopia da sociedade ideal para os povos, embora reconheça um determinado espaço para o escritor e a literatura (o poeta, leia-se) não o vê exatamente com bons olhos, porque é, por natureza, um subversivo. E, embora guarde para o filósofo como ele próprio a função maior de sua sociedade ideal, discrimina, com absoluta clareza, o escritor - o poeta, leia-se - exatamente porque ele, por função específica, desviaria os cidadãos de suas funções primordiais naquela sociedade ideada.

Que desvios seriam esses?

Talvez valha a pena olharmos para dentro de nós mesmos e relembrarmos nossa própria experiência de leitores. Em primeiro lugar, o fascínio que as imagens, suscitadas pelo texto, projetam em nós. Quando criança, costumava ficar no quintal de minha casa, sob frondosas árvores frutíferas, a ler ao longo da tarde inteira. Às vezes, do dia inteiro. Minha mãe era obrigada a "acordar-me", chamando-me à realidade, por exemplo, para o almoço ou um lanche. Esta sugestão de sonhos ou de imagens que atravessam tempos e espaços os mais diversos, pode levar-nos por viagens fantásticas, inimagináveis, sem que saíamos do lugar. Sempre tive enorme admiração, por exemplo, independentemente de seu conteúdo que hoje leio com maior crítica, pelos livros de aventuras do alemão Karl May. Afinal de contas, aquele quase anônimo escritor alemão jamais saiu de sua aldeia, pouco mais de uma centena de quilômetros quadrados conhecia do mundo e, no entanto, levou-nos, como tem levado ainda hoje aos que folheiam seus romances, pelas paragens mais inesperadas, pelo Oriente Médio, pela América do Norte, por todo o interior da América do Sul, descrevendo paisagens e narrando acontecimentos com tal vivacidade, que é como se ele conhecesse, milímetro por milímetro, cada um daqueles espaços. É muito provável que os naturais de cada região, se lessem os romances de May, neles não se reconhecessem. Mas o poder da sugestão, que faz o fascínio da leitura, nele é simplesmente fantástico!

Lembremos o que nos diz Walter Benjamin num texto significativo como **O Narrador**: "Há dois tipos de narradores: aquele que saiu e retorna de uma longa viagem e, portanto, nos traz relatos de lugares e situações que não conhecemos (e esse, segundo Benjamin, é o narrador por excelência), e aquele que, sem sair de seu próprio espaço, faz como que a crônica do aqui e agora, cingido ao desafio

da novidade a que deve dar corpo, através de seu relato, de maneira permanente".

O mais fantástico é que contar alguma história significa repartir algo com alguém, multiplicar aquilo que era, originalmente, uma propriedade particular e individualizada, sem que, no entanto, seu proprietário perca qualquer parte de sua propriedade. Melhor: quanto mais narramos e repartimos o que sabemos, maior poder nossa narrativa adquire! Narrar, assim, é repartir alguma coisa, multiplicando-a, verdadeiro milagre do pão e do vinho!

Roland Barthes afirma que se podem ler "textos, figuras, cidades, rostos, gestos, cenas", ecoando, de certo modo, a perspectiva de Paulo Freire, que, nos anos sessenta, desenvolvia um processo de alfabetização popular sob a perspectiva da leitura da realidade. Quem já participou de um processo de alfabetização, quer de crianças, quer de adultos, mas muito especialmente de adultos - lembro aqui, por exemplo, os belíssimos textos de Maria Carolina de Jesus em **Quarto de Despejo** - saberá ao que quero me referir quando digo que a leitura nos proporciona um verdadeiro prazer erótico, isto é, ecoando Barthes em seu **O Prazer do Texto**, reafirmação da vida em toda a sua diversidade e força, isto é, reafirmação do eu/nós, quer dizer, do eu com eles.

Na sua reflexão sobre a biblioteca, Jorge Luís Borges diz-nos que ela é um espaço que se visita, mas não se habita. Diz-nos, também, que existe uma biblioteca imaginária *de e em* cada um de nós, ou seja, constituímos, no decorrer de nossa vida, um conjunto de leituras e de obras que passam a ser nossos referenciais, a conter nossos valores e nossos modelos, a partir dos quais desenvolvemos nossas ações e pautamos nossos comportamentos.

Marcel Proust, por exemplo, num texto denominado **Da Leitura**, explicita que, para podermos ler bem, apreendendo plenamente aquilo que lemos, devemos estar adequadamente sentados, bem iluminados, disponíveis, enfim, para aquilo que vamos desbravar através dos textos. E, no seu famosíssimo **À Procura do Tempo Perdido**, estabelece uma das mais fantásticas aventuras que a literatura - e, por extensão, a leitura - já foi capaz de construir: a aventura por dentro da cabeça de uma personagem, abrangendo seus sentimentos e sua memória, especialmente sua percepção do tempo. O episódio da **petite Madeleine** - quem já não o leu? - é exemplar nesse sentido. A experiência absolutamente pessoal de Proust transforma-se, incontinenti, em nossa própria experiência.

Fica claro, em todo o caso, que ler pressupõe, obrigatoriamente, uma disponibilidade para ouvir: ouvir através da leitura, desses sons inaudíveis que perpassam as formas gráficas das palavras registradas na página em branco, constituindo desenhos absolutamente indecifráveis para quem, infeliz, não tiver

a capacidade da leitura.

Aliás, é essa uma terrível realidade que marca nosso país. Não sabemos direito quem somos, desconhecemos o que fomos, ignoramos o que seremos. A leitura é uma possibilidade ausente de nossa sociedade, tão mais grave quanto componente da realidade daqueles que também tiveram a oportunidade da alfabetização, mas se negam a tal experiência.

É evidente que poderíamos aqui questionar o poder terrível que o texto escrito possui, como dominação de outrem, por parte de quem o detém. Não é essa, contudo, a perspectiva que nos propusemos discutir. Pelo contrário, o que queremos e podemos enfatizar é que a leitura nos propicia uma multiplicidade tal de informações e, conseqüentemente, de diferentes perspectivas de abordagem da realidade circundante, que, praticamente, impede que sejamos vítimas de um poder usurpador.

Nosso grande desafio, portanto, nesse sentido, é tornar a leitura uma atividade corriqueira, não apenas na sala de aula quanto no nosso dia-a-dia, especialmente em nossa casa.

Quero lembrar, aqui, uma experiência fantástica que tive há algum tempo: saía de manhã bem cedo para pegar o ônibus e me dirigir à Universidade. Ao lado do prédio em que morava então, havia um terreno baldio, sobre o qual um conjunto de dois ou três *outdoors* haviam sido plantados. Naquele dia, a campanha proeminente era a dos produtos de *lingerie* Hope, anunciando *soutiens*, calcinhas, anáguas e coisas semelhantes.

Pois bem: em frente a um desses painéis gigantescos, exibindo uma bela mulher numa pose muito semelhante à da **Maga Desnuda** de Goya, encontrava-se um operário, boca literalmente aberta, olhando aquela imagem enorme. No braço direito, caído, sua pequena marmitta com o almoço do dia; o outro, paralisado, tal o seu estupor. Atravessou-me, como relâmpago, a constatação do que ele deveria estar experimentando. Era muito provável que estivesse pensando que jamais teria uma fêmea assim e que fizesse uma comparação com a sua Maria, de dentes estropiados, peitos caídos, feia e suja, maltratada pela vida da qual ele próprio fazia parte e pela qual era, em parte, responsável.

Imediatamente me veio a possibilidade do que sentiria a tal Maria diante do mesmo *outdoor*: imaginaria o que **Zé** iria pensar dela, comparada com aquela mulher e teria a terrível frustração de saber que jamais poderia ser semelhante àquela imagem.

A minha leitura foi fulminante, irracional e tão chocante que, chegando à Universidade, não pude deixar de discutir, com meus alunos da Comunicação

Social, o que ocorrera. Concluímos que, efetivamente, minha leitura talvez tivesse ultrapassado, em muito, a própria experiência que aqueles dois seres potenciais, verdadeiras personagens de ficção que eu havia inventado, teriam vivido. De qualquer maneira, o episódio serviu para me dar uma dimensão bastante concreta e fantástica do poder que a capacidade de leitura empresta a cada um de nós, desde que a saibamos exercer condignamente: nosso olhar crítico sobre a realidade se torna extremamente aguçado e eficiente.

Por outro lado, a multiplicidade dos instrumentos de que a sociedade tecnocrônica dispõe hoje em dia, amplia a possibilidade dos processos entrópicos, isto é, provocadores da total perda de controle e domínio de um conjunto incalculável de informações que nos chegam, minuto a minuto, sem que possamos processá-las correta e eficientemente, aproveitando-as em todas as suas possibilidades. É claro que, segundo a psicologia, realizamos, automaticamente, uma espécie de poupança, guardando muitas daquelas informações para utilizá-las nos momentos em que elas possam nos ser úteis, independentemente de nossa própria consciência. Vivi, anos atrás, um exemplo bem concreto disso quando escrevi *O Anjo Malaquias*. Tinha bastante bem planejado o relato e, inclusive, seu início. No entanto, foi absolutamente inesperado o fato de que, ao sentar para escrever, a primeira coisa que me tenha vindo à mente, e logo passada ao papel, através do teclado de minha máquina de escrever, tenha sido aquele **putisgrila** que não estava absolutamente planejado e cuja origem só fui descobrir muito tempo depois, quando uma professora do interior do Espírito Santo revelou-me que era uma expressão tipicamente dialetal dos grupos de imigrantes italianos, o que me provocou a lembrança dos tempos em que eu, aluno do segundo ano primário, tinha como professor um irmão lassalista, que, incomodado com as artes que fazíamos na sala de aula, não titubeava em esbravejar, quase saltando sobre o estrado colocado à frente da sala, **putisgrila**, mistura de imprecação e de palavrão, na vã esperança de que o ouvíssemos e calássemos a boca...

O que se pode concluir de tudo isso?

Evidentemente, só consegue, de fato, ler quem é livre. Vice-versa, corolário da primeira afirmação, a leitura nos propicia maior liberdade. Por resultado do teorema, podemos dizer que só seremos plenamente livres na medida em que quisermos e pudermos, mais, em que soubermos ler: ler um texto, ler a realidade, ler o mundo. Em suma, constituir nosso próprio Universo a partir de nossas leituras. Daí o grau de cultura que cada um de nós possuirá, segundo nossas próprias leituras. Não se trata, obviamente, apenas das chamadas leituras eruditas e formais, dos textos clássicos. Trata-se, isso sim, de nossa capacidade de abertura e disponibilidade para o mundo, sem o que não seremos, sequer, humanos.

Linha Pirajá, junho de 1995

LITERATURA NO INTERIOR: ISOLAMENTO CULTURAL E PARTICIPAÇÃO

Valesca de Assis*

Gostaria de iniciar pelo termo mais positivo da proposta temática: a participação.

Participar é, por definição, fazer saber, comunicar, anunciar; tomar parte em; associar-se pelo sentimento, pelo pensamento; solidarizar-se com.

É isso que faz o professor ao comunicar a existência de um novo conhecimento, de uma diferente etapa do saber; quando anuncia que, além do aqui e agora, há um sem número de realidades e circunstâncias que podem ser alcançadas.

É, também, o que faz o escritor, anunciador de novos mundos, ficcionais ou não.

Convém destacar que a atuação de ambos, do professor e do escritor - da escola e da literatura - vai além da mera semelhança. Antes, é uma ação necessariamente convergente, como podemos constatar em breves considerações:

- a) o processo de criação literária não se esgota no trabalho de *escrever um livro*; a leitura é complemento necessário desse processo, e, quanto mais crítico e criativo for o leitor, mais ricas e variadas leituras a obra comportará;
- b) conforme a nova Estética da Recepção, é o leitor que vai promover, de um lado, a atualização da obra literária, e, de outro, a própria transformação (dele, leitor) nos planos pessoal e coletivo. Tal leitor configura-se a partir de duas categorias:

* Escritora

- a do horizonte de expectativas: misto dos códigos vigentes e da soma de experiências acumuladas;

- a da emancipação: finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhes uma nova visão da realidade (7:49);

c) é, portanto, no seio da experiência estética que a literatura (como a arte em geral) realiza a sua função social maior: a de sobrepor-se ao imobilismo social, rompendo com os padrões vigentes e propondo novos códigos;

d) é à escola, predominantemente, que cabe apresentar a literatura às crianças e aos jovens, tarefa que, no mais das vezes, é deixada somente para o professor de literatura/língua portuguesa;

e) o sistema escolar é profundamente conservador: embora se proclame democrático e transformador, visa promover a adaptação do estudante aos padrões sociais estabelecidos pela elite dominante;

f) para se provar democrático, o sistema escolar deixa frestas de liberdade. É através dessas mínimas aberturas que os professores podem e devem promover o avanço social e pedagógico, considerando que a sala de aula é, ainda, o lugar de maior liberdade dentro do sistema, e que a literatura é a menos censurada das formas de expressão.

Localizado o centro formador de novos leitores e reconhecida a viabilidade de o projeto aí se realizar, há que se pensar em como a ação deve ser encaminhada. Conforme é da mais elementar pedagogia, o primeiro passo é oferecer textos que falem da realidade próxima do leitor, que lhe apresentem significado e sentido, possibilitando que se situe no seu tempo e no seu espaço, que se reconheça, enfim. *A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler (1:18)*. Cabe à escola iluminar o caminho: *Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura da classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito (1:16)*. Processa-se, aí, a identificação. Só quando sabemos quem somos, de onde viemos, é que poderemos escolher para onde queremos ir.

Progressivamente, vão sendo apresentadas obras mais complexas e que tragam novidades ao leitor. Nesta etapa, ele vai travar contato com diferentes alternativas de vida pessoal e social, ensejando uma reorganização de seu mundo interno e até da realidade exterior. Deixará de ser um simples ator para transformar-se em autor de sua própria história. Será um participante.

Isso não significa que vai esquecer a sua terra natal, a qual manterá, sempre, um caráter *sagrado*. É nessa fonte, transformada ou não, que o indivíduo irá buscar regeneração emocional, mas, aí, o sentido será o de buscar o colo materno. Algumas tribos africanas têm, ainda hoje, o costume de comer punhados de terra do lugar onde nasceram seus antepassados, como símbolo de identificação a um grupo e a um espaço. Nós o fazemos lendo e dissecando a nossa própria história.

O processo por que passa um escritor, não é muito diferente do acima exposto. Primeiro, ocupa-se de realidades mais próximas a si às suas circunstâncias. Depois, vai ampliando horizontes, ousando cada vez mais, trazendo à luz personagens e situações jamais cogitados: da terra natal/casa paterna para um universo de infinitas possibilidades.

Para finalizar, ocupemo-nos do isolamento, que quer dizer *insulação*, *separação*, falta de contato. Por vezes, os escritores regionais queixam-se de um grande isolamento cultural, da absoluta falta de interlocutores. É verdade. Mas, essa verdade vale para todos, mesmo os que vivem nos grandes centros. O debate que tem valor, o que vai nos enriquecer de fato, é aquele travado com os livros. Evidentemente, desejamos comentar sobre o que lemos, mostrar nossa produção a outros. Essa etapa, natural no ser humano, exige paciência. Uma carreira literária sólida não se faz em menos de vinte anos. Porém, se nosso trabalho for sério, e se tiver valor, nossa carreira ultrapassará, em muito, o tempo de nossa vida, e participaremos, com um tijolo ou com muitos, da construção de um mundo melhor.

E não esqueçamos: é no âmbito da escola - do jardim de infância à universidade - que ajudaremos a formar interlocutores à altura de nossas utopias possíveis. Quem sabe, um dia, nossa sagrada terra natal possa ser, por nossa atuação, além de uma potência econômica, um centro de irradiação cultural. Potencialidades não lhe faltam.

Bibliografia:

- AGUIAR, Vera Teixeira e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor; alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 176p. (série Novas Perspectivas, 27).
- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *Oficina de criação literária: o experimentalismo do texto*, in: Letras de Hoje. Porto Alegre: PUCRS, v 23, n 1, p 141-148, março de 1988.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 4. ed., 1983. 96p. (coleções polêmicas de nosso tempo, 4).
- RANGEL, Mary. *Dinâmica de leitura na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1990. 62 p.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & realidade brasileira*. 4. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 104 p. (Série Novas Perspectivas, 5).
- SILVA, Lilian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. 84 p. (Série Novas Perspectivas, 19).
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. 124p. (Série Fundamentos, 41).